

18/8/99 veja 28

UM RIO CHAMADO VON DEN STEINEN

Ao ler a reportagem "Os guardiães do verde" (30 de junho), um detalhe do mapa da página 138 chamou a atenção do pernambucano Antonio de Bulhões, que mora em Taufkirchen, Alemanha: o nome do Rio Von Den Steinen, que aparece como um dos afluentes do Xingu. "Poucos sabem que esse nome é uma homenagem a Karl von den Steinen, que no século passado esteve por duas vezes no Xingu. Ele foi um dos primeiros a estudar a região e seus habitantes." De fato, entre 1884 e 1887 Steinen, um médico e etnógrafo alemão, esteve no Alto Xingu, uma região até então muito pouco conhecida e estudada, onde descobriu grupos indígenas, como os awetis e os suiás, que ainda hoje podem ser encontrados no parque nacional. Sua passagem pela localidade resultou no livro *Entre os Povos Naturais do Brasil Central*, lançado em 1894, que chamou a atenção dos estudiosos para a riqueza cultural e lin-

güística ali existente — totalmente intocada pela civilização. "Não há metais nem cães nem bebidas embriagadoras nem bananas! Eis a verdadeira idade da pedra...", escreveu. A importância do trabalho de Steinen é destacada por Bruna Franchetto, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro: "Muito pouco sabemos da história do

Alto Xingu antes do fim do século passado. A história escrita pelos brancos começa com as viagens do etnógrafo alemão Karl von den Steinen. Foi ele quem apontou para o mundo a riqueza cultural da região, uma qualidade que a tornaria um laboratório para as pesquisas antropológicas e linguísticas, que iriam descobri-la décadas mais tarde, nos anos 40, quando a Expedição Roncador-Xingu, liderada pelos irmãos Villas-Boas, marcou o contato definitivo com o universo dos brancos e com a presença do Estado". Apesar da importância dos estudos de Steinen no Brasil, sua obra-prima, na qual trabalhou durante vinte anos, foram os três volumes de *Die Marquesaner und ihre Kunst*, lançado em 1928, ano de sua morte, em que estudou os mitos, lendas e rituais dos nativos das Ilhas Marquesas, na Polinésia.



O acampamento de Steinen, em 1887